

Com a honrosa tarefa de apresentar a este Silogeu a Doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas, deveria eu falar de sua vida. A vida toda de Marilene não teve a ventura de acompanhar - a infância no Juruá, em Caruaru, em Concórdia, seringa de seus pais. [...] Também não vi, já - em Manaus; sua passagem pelo Colégio Brasileiro, do professor Pedro Silvestre ou do curso clássico do Colégio Estadual. Como médico e através dos meus colegas psiquiatras - conheci a dedicação, nos primeiros passos de sua atividade profissional, junto aos doentes do Hospital Eduardo Ribeiro, ao realizar um trabalho revolucionário, que apontava para a humanização institucional, o que nos dias de hoje, redundou na desospitalização dos enfermos. [...] Mas foi na Universidade do Amazonas, já como docentes, onde nos encontramos pela primeira vez. Ela muito jovem, mas já coordenando um curso de aperfeiçoamento em Ciências Sociais, para o qual, como médico, eu me candidataria. Estava eu buscando naquela área do conhecimento, as bases que necessitava para ter o entendimento dos mecanismos de produção das doenças. Hoje, também sou capaz de perceber que para entender o todo, necessitaria também me "desospitalizar". Como eu aprendi! [...] A professora cuidava da casa à Universidade, passando agora por uma atividade que nos marcara para sempre - a militância política. Na Universidade, sua principal trincheira, eclodiu o processo de democratização interna, que daria muitos frutos. [...] A partir de concurso público, em 1979, que a fez ingressar como docente na Universidade Federal do Amazonas, Marilene Corrêa da Silva inicia sua densa e rica vida acadêmica, marcada por êxitos nos diferentes níveis de complexidade de sua formação pós-graduada. [...] Após dez anos de prática docente na área das Ciências Sociais, partiu para o Mestrado, na PUC de São Paulo [...] sob a orientação de um dos maiores sociólogos brasileiros, o professor Otávio Ianni, defendeu a sua brilhante dissertação de Mestrado intitulada "O Paiz do Amazonas", [...] Após o mestrado e de volta à Manaus, Marilene inicia sua atividade de gestão universitária, como Secretária Geral da Universidade Federal do Amazonas, no período de 1989 a 1993 e ainda especializou-se em Administração Universitária,

no Canadá, sob o patrocínio da Organização Universitária Interamericana - Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, concluindo o curso com êxito. Depois dessa experiência, Marilene retorna à São Paulo para o Doutorado em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Campinas e apresenta em 1997 a Tese - "Metamorfoses da Amazônia", [...] consagra sua formação acadêmica em 2001, com o Pós-Doutorado em Sociologia na Universidade de CAEN, na França. O desafio agora, apontava para a Ciência e Tecnologia: Assim, ela implanta e dirige a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Amazonas, estrutura o sistema estadual de C&T e cria a política estadual para essa área no Amazonas. Mas a Universidade, que sempre esteve presente em todo o seu caminho intelectual, reclamava, agora no âmbito estadual, sua experiência, a consolidar a novel Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Foi assim, nomeada Reitora daquela Universidade, onde imprimiu sua marca de competência e dinamismo, com destaque para a política de interiorização, aliás uma de suas principais pilastres. Senhoras e Senhores Acadêmicos, Por todos esses fatos é que tentei lhes apresentar essa "menina dos rios e das várzeas", que como Fernando Pessoa, conseguiu, "de sua aldeia, ver o mundo". Porém mais que isso, partiu para enfrentá-lo, modificá-lo, tendo como espada e escudo, o seu amor pela natureza, que lhe forjou a alma, o saber e o compromisso inarredável com o povo de sua terra. Acumulou a riqueza de seu vasto conhecimento para fazê-lo voltar em forma de sementes que germinam por todo o Paiz do Amazonas. Doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas, esta é a Casa de Pêricles, Adriano, Djalma, Aderson e todos esses luminares que a acolhem, com o maior respeito à sua história de vida. Estamos todos de braços abertos para abraçá-la. E como o São Pedro bonachão, de Bandeira, em "Irene no Céu" eu também digo: "Entra Marilene, aqui você não precisa pedir licença".



## ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918

Boletim Informativo

Ano XC - nº 9 - setembro 2011

### Uma nova luz

Em sessão solene realizada no dia 16 de setembro, a doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas recebeu das mãos do presidente José Braga e da confrreira Rosa Mendonça de Brito as insígnias da imortalidade acadêmica ao assumir a Cadeira 24, de Joaquim Nabuco, anteriormente ocupada pelo jurista professor Aderson Pereira Dutra. Dedicada ao ensino e à pesquisa, a ex-reitora da Universidade do Estado do Amazonas e professora da UFAM ingressa no silogeu ostentando produção intelectual de altíssimo valor, voltada especialmente para as realidades amazônicas, e atuação no serviço público e na política. A presença de Marilene Corrêa contribuirá para o diálogo científico, que aqui se reúne praticamente saberes de todas as áreas do conhecimento humano. Marcus Luiz Barroso Barros, confrade ilustre, proferiu com erudição e eloquência o elogio acadêmico. Noite de inteligência e beleza prestigiada pelos membros da Casa, autoridades, professores, estudantes, amigos e familiares da novel acadêmica. Após a liturgia da posse, os convidados foram recepcionados no Rimas Café, espaço de convivência acadêmica localizado na Sala-Memória Mário Ypiranga Monteiro, anexo à Casa de Adriano Jorge, sede da Academia.



#### Diretoria da AAL

Presidente  
José Braga

Vice-Presidente  
Tenório Telles

Secretário-Geral  
Almir Diniz

Secretária-Adjunta  
Carmen Novon

Tesoureiro  
Arlindo Porto

Tesoureiro-Adjunto  
Abraham Baze

Distra de Patrimônio  
Moacir Andrade

Diretor de Promoções e Eventos  
Cláudio Chaves

Diretor de Edições  
Marcus Barros

Conselho Fiscal  
Lafayette Vitoria  
Arnando Menezes  
Francisco Gomes

Suplentes  
Antonio Loureiro  
Mário Ypiranga Neto  
Euler Ribeiro

Editora do Boletim  
Rosa Brito



## 93 ANOS DE LETRAS

1918-2011

AAL

Academia Amazonense de Letras

1918-2011

BERNARDO CARVAL / ANAÍDE ANDRÉDE / ANÍTO MELLO / NEWTON BARBÉ DUARTEÂN / ALMIR DINIZ /  
 ANA KRIZO / ALDIRIO FIGUEIRAS / EULER RIBEIRO / JOSÉ BRAGA / MÁRIO PRINÇA NETO /  
 MARCUS BARROS / ELSON VARIAS / ABRAHIM RABE / CLAUDIO CHAYER (ALDIRIO ALFONSO) / TENORIO FELLES /  
 DEMOSTHENES CARMINE / DIRLEI TUTE / SARAYETTE TIERRA / FRANCISCO GOMES / LUIZ BACILLAR /  
 ROMÁRIO BRAGA / AFRICAR E ALIAS / MARLENE TORRES / MARCIO SOUZA / ROBERTO VIEIRA /  
 ISMARA JUNIO / MIRA SOBRADO / THIAGO DE MELLO / ARMANDO DE MENEZES / MAX VORPENTNER /  
 RUY LINS / CARMEN NOVA / ANTONIO LOUREIRO / ARLINDO PORTO / JOSE LUIZ SHARRE / LUIZ MAATIMMO /  
 WILLIAM BORGHES / MARIO SOBRADO / FRANCISCO VASCONCELOS



www.academiaamazonensedeletras.org.br | e-mail: aal@letras.uva.br | tel: (91) 3661-1111

## Fala do presidente José Braga

"O Estado manipula, com o discurso da soberania, da integridade da Nação, da unidade territorial e política todas as questões da história e da sociedade amazônica que conflitam ou se antagonizam com o caráter das relações entre a região e a nação. É que a questão amazônica também tem fundamentos de outra natureza que não estão circunscritos à história, à cultura e à sociedade nacional: a luta pela terra, pela autonomia de organização comunitária, pelo usufruto dos recursos do subsolo que repõem a questão indígena e questão agrária no contexto das classes e da luta de classes nacionais e internacional dão, à questão amazônica, uma qualidade nova e outras perspectivas de encaminhamento da questão nacional brasileira. Nestas perspectivas, o Paiz do Amazonas passa pelos trabalhadores da cidade e do campo, pelos posseiros, pelos sem-terra do Sul, do Sudeste e do Nordeste, pelos seringueiros acreanos e bofivianos, pelas guerrilhas das populações indígenas, que extrapolam os circuitos fortes do poder autoritário da América Latina." (Marilene Corrêa, *O Paiz do Amazonas*, 2004). Eis a voz que nos chega para aprofundar e construir, no diálogo com as ciências, o pensamento amazônico nesta Casa. Voz que a mais antiga Universidade brasileira nos concede, qualificada pelos altos títulos acadêmicos, a doutora Marilene Corrêa procede das barrancas e dos rios das

paragens distantes do Juruá. Voz cabocla que se faz ouvir e respeitar em laboriosa e reconhecida atividade profissional nas salas de aula, nas instâncias mais elevadas da gestão universitária, do ensino e da pesquisa, nos fóruns de estudos no Brasil e exterior, discutindo, teorizando e ensinando Amazônia. Na atividade política, vocação que igualmente pronuncia. Voz em grito pelos direitos de nossas gentes, das liberdades, da democracia! Senhoras e Senhores, consagrada pela escolha soberana do colegiado acadêmico e o referendo de vossas ilustres presenças nesta noite, a voz que é nova luz se espanta na Casa de Adriano Jorge a incandescer a Cadeira de Joaquim Nabuco na sucessão ao saudoso professor e jurista Aderson Pereira Dutra, uma das mais belas inteligências desta terra. A Academia Amazonense de Letras recebe, pois, jubilosa, para a liturgia da imortalidade, a professora, doutora e ensaísta Marilene Corrêa da Silva Freitas, quinta mulher a ocupar, em noventa e três anos de vida acadêmica, as poltronas azuis deste salão, cabendo ao eminente confrade Marcus Luiz Barroso Barros, tribuno vigoroso, inteligência singular, o honroso encargo de proferir o elogio acadêmico. Está aberta a sessão!"

"No presente desta noite cumprimento todos os que aqui compareceram para prestigiar este momento solene; é, reverencie todos os membros da Academia Amazonense de Letras: imortais, patronos, fundadores, ocupantes contemporâneos deste colegiado; cumprimento com especial ênfase o Dr. Marcus Luiz Barroso Barros que me recepciona neste Salão. No presente dos séculos XIX e XX reverencie Joaquim Nabuco, patrono da cadeira e Aderson Pereira Dutra, sob os augúrios de quem chego nesta casa. [...] No Brasil do século XIX Joaquim Nabuco, patrono da cadeira que assumo na condição de membro da Academia Amazonense de Letras, é referência mais lembrada das lutas nacionais. [...] Professor Aderson Pereira Dutra, a quem sucedo na cadeira 24, nasceu em Parintins no dia 27 de janeiro de 1922 e faleceu em Manaus em 2010. Professor Catedrático de Direito Administrativo da Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, cargo que exerceu de julho de 1958 a janeiro de 1992. Foram 34 anos de Magistério [...] Aderson Dutra testemunhou na sua juventude e fase adulta o Amazonas da segunda borracha, e a Manaus que reinventa sua própria sociabilidade sem a pulsão da velocidade capitalista. Oriundo de Parintins, no baixo Amazonas, de identidade inconfundível entre o Pará e o Estado de seu nascimento, neste ambiente de Manaus forjou sua formação de jurista, cidadão e homem público. Reitor da Universidade Federal do Amazonas entre 1970-1977; Procurador Geral do Estado entre 1979 a 1983 atravessou os desafios do governo autoritário, acompanhou o desenvolvimento institucional na tradição do ensino do Direito e na gestão universitária. Ao configurar a época de suas lembranças, e sublinho que configurar não é descrever, homenageio todos os patronos e acadêmicos passados e presentes da Casa de Adriano Jorge. Apresento-me à Academia como uma amante e defensora das ciências e artes, das liberdades, da luta pela excelência acadêmica, amante da crença em um mundo melhor. Chego em paz com todos, prestigiada e legitimada pela votação de meus pares. Chego mais inquieta comigo mesma e com o que acredito ser a missão dos que se comprometem, como personagem de Joyce, com o pensamento. "Pensar é um modo de experimentar o mundo" (Dedálus, Joyce).

Vim da Universidade onde trabalho desde 1979 e onde entrei por concurso público aos 28 anos. Nunca tive concessão alguma, de quem quer que seja, toda minha formação deve-se àqueles que ainda acreditam no mérito científico como o maior nivelador da igualdade na cidadania universitária. Não temo preconceitos, pré-julgamentos, avaliações injustas. Desenvolvi minha carreira acadêmica plena, e vivo dela em toda minha integralidade. Vim do interior, do seringa Concórdia, propriedade de minha família, da linhagem de Guilherme da Cunha Corrêa que, com seu irmão Filipe da Cunha Corrêa são pioneiros do rio Juruá, o rio que hoje chora, como diz Padre João. Vim do ambiente de Manaus dos anos 70 e 80, acreditei e fomentei utopias, removi barreiras ideológicas e políticas, derrubei estereótipos. Incomodei, incomodo, não me importo, experimentar o mundo" (Dedálus, Joyce). [...] Sou sujeito coletivo de minha época, de minha família, dos meus amigos e de meus pares; em Concórdia, Caruarú, Manaus, Natal, São Paulo, Rio de Janeiro, Paris, Tóquio e Bombaim, meu sangue de antepassados e de meus descendentes está espalhado nesses lugares, ampliei minha cidadania para Tabatinga e Parintins, ajudei a reconhecer sonhos, aspirações legítimas, e quando não pude criá-los vigiei-me para não frustrá-los, por onde passel. Aprendi com a humanidade vista pelo retrovisor do tempo que o potencial destrutivo do desmantelamento dos sonhos é obscurantista, fundamentalista, covarde e se embasa na crueldade mais equivocada do pseudo conhecimento. As Academias, protetoras das artes, das ciências, ícones da trajetória da sabedoria humana no mundo inteiro orientam-se por princípios completamente opostos aos da destruição. Esta casa, a Academia Amazonense de Letras, vai completar cem anos em janeiro de 2018. Ao manter uma ideia coletiva da sociedade e manter-se a si própria como uma representação do conhecimento, esta Academia nos ensina a delicadeza de lidar com os sentimentos coletivos e, portanto, ensina a reunificação no sentido caminho para o mundo de Nürpaal; reitera nossa condição humana de busca da perfectibilidade e refinamento do espírito. E neste ato de posse, me entrego e me integro nesta busca secular."